

## MOVÊNCIAS DE SENTIDO ACERCA DA AMADA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA

Selma Sueli Santos Guimarães – ESEBA – UFU

Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.), está impregnada de relações dialógicas.

Mikhail Bakhtin

### Introdução

Delimitar o texto literário como *corpus* de pesquisa para análise de discurso tem sido uma prática cada vez mais recorrente entre estudiosos inseridos nesse campo de pesquisa. Neste sentido, tendo como objeto de estudo a letra poética de uma canção de Caetano Veloso *Você é linda* e o capítulo quatro do livro poético bíblico *O cântico dos cânticos* do rei Salomão, este trabalho busca compreender e evidenciar a análise contrastiva do campo semântico referente à mulher presente nos dois textos. Tendo como suporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa que leva em conta o homem na sua história, considerando os processos e condições de produção da linguagem por meio da relação entre a língua e os sujeitos que a falam e também as situações em que se produz o dizer, se buscará mostrar que o discurso é efeito ou produção de sentidos entre os locutores, que ele é determinado pelo tecido histórico-social que o constitui e se relaciona com outros discursos. Portanto, pode-se dizer que o sentido das palavras não é imanente, mas que ele se constrói a partir de um contexto no qual se inter-relacionam sujeito, discurso, saber, poder, história e memória. Assim sendo, a análise contrastiva que se pretende fazer buscará negar a imanência do significado, mostrando que o dicionário, com suas definições, preciosas enquanto transmissão de conhecimento, não dá conta do funcionamento linguístico, ou seja, ele não abarca, na sua totalidade, o campo semântico das palavras, pois faz-se necessário considerar que as palavras estão sempre imersas em um universo marcado por instabilidades, o que explica as movências dos sentidos.

### 1 Discurso, efeitos de sentido e condições de produção

A Análise do Discurso se interessa pela linguagem de uma maneira particular, enquanto prática, fazendo mediação entre locutores e não como apenas instrumento de comunicação; e, como se pode inferir de seu nome, ela se ocupa não da língua, mas sim do discurso, situado entre a dicotomia língua e fala. De acordo com Fernandes (2005, p. 20), discurso, enquanto objeto de estudo dessa disciplina, não é, “a língua, nem texto, nem a fala; entretanto precisa desses elementos linguísticos para ter existência real [...] discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguísticas”. O discurso implica aspectos sociais e ideológicos que estão impregnados nas palavras ao serem pronunciadas por seus interlocutores em uma situação dada. Assim, ao assumirem diferentes posições acerca de um mesmo tema, esses interlocutores revelam os diferentes lugares socioideológicos de onde falam e a linguagem é a materialização expressiva desses lugares. Segundo Orlandi (2001, p.15), etimologicamente, discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem; portanto, “com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Ou seja, é o homem se constituindo, se dando a conhecer, se significando. Na Análise do Discurso a língua é compreendida enquanto trabalho simbólico, que faz sentido, ela é parte do trabalho social geral que constitui o homem e sua história, ou seja, o analista do discurso leva em conta o homem na sua história, considerando os processos e as condições de produção da linguagem por meio da relação entre a língua e os sujeitos que falam e também as situações nas quais se produz o dizer, ele relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Quando se aborda a noção de discurso, torna-se necessário considerar os elementos que existem no social, as ideologias, a História. Assim, é possível dizer que os discursos não são fixos e estão em constante mutação, acompanhando transformações sociais e políticas, pois eles são a materialização das “visões de mundo” de classes sociais diferentes, com interesses opostos, manifestos por meio de um estoque de palavras e regras combinatórias próprias de uma determinada classe social, em um determinado momento histórico.

Adjacente à noção de discurso, encontra-se a noção de sentido compreendida como um efeito de sentidos entre interlocutores, isto é, entre sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem. Segundo Fernandes (2005, p. 22), referir-se à produção de sentidos é dizer “que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução”. Compreende-se, portanto, que uma mesma

palavra pode ter significações ou sentidos diferentes que variam de acordo com o lugar socioideológico daqueles que a empregam.

Com relação ao sentido da palavra, como ele nasce, como ele se produz, Baccega (2000, p. 32) afirma que “o sentido de uma palavra ‘nasce’, produz-se, em geral, a partir de mudanças sociais, a partir de novas teorias, a partir de conteúdos novos – de novas ações humanas, enfim”. E é certo que novas ações ou atitudes humanas acontecem a todo o momento na vida cotidiana, podendo se dar em um processo lento ou rápido, conforme o momento histórico dado.

Assim sendo, é possível afirmar que a língua está inserida na história e participa da sua construção produzindo sentidos. A Análise do discurso relaciona língua e discurso: nem o discurso pode ser visto como uma liberdade em ato, sem condicionamentos linguísticos ou determinações históricas, nem a língua é vista como um sistema fechado em si mesmo, sem erros ou faltas. A língua representa a condição de possibilidade de discurso, a relação entre língua e discurso é de “recobrimento”, não havendo separação entre eles. Portanto, entende-se que o discurso é efeito de sentidos entre locutores, ele constitui o acontecimento vivo da língua, tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção. As condições de produção de sentidos englobam os sujeitos e a situação social. As palavras vestem-se de sentidos conforme as formações ideológicas nas quais estão inscritos os interlocutores. “O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.” (PÊCHEUX, 1997, p. 190)

Falar em produção de sentidos significa dizer que no discurso os sentidos das palavras são transitórios, não são constantes, nem permanentes, pois dependem do lugar socioideológico de onde são pronunciadas. Assim sendo, pode-se dizer que “as palavras como que trocam de roupa, despindo-se do seu velho significado, vestem-se do novo e assim recomeçam, ressurgem das cinzas do velho sentido e se fazem novas [...] os sentidos não se apegam às palavras, pelo contrário, estão fora delas e variam segundo a posição ideológica daqueles que as empregam”. (GUIMARÃES, 2002, p.40)

## **2 Interdiscurso, formação discursiva e memória discursiva**

Os efeitos de sentido dos enunciados revelam conflitos sociais oriundos dos espaços de enunciação, dos lugares sociais assumidos por sujeitos diferentes organizados socialmente. Da divergência de posições sociais e ideológicas decorre a formação de diferentes discursos que constituem os processos de formação e transformação sociais peculiares à existência do homem.

Cada formação discursiva revela formações ideológicas que a completam, cada formação discursiva apresenta diferentes discursos, posto que o sujeito não é homogêneo, mas constitutivamente heterogêneo como coloca Authier Revuz (1982). Essa variedade de discursos é denominada na Análise do Discurso de interdiscurso. O interdiscurso “é compreendido como o relacionamento do discurso com um conjunto de discursos inumeráveis, um conjunto que não se pode discernir que não se pode representar”. (GUIMARÃES, 2002, p. 28)

O interdiscurso revela a presença de diferentes discursos, originários em momentos históricos diferentes e em diferentes lugares sociais que se entrelaçam no interior de uma formação discursiva. Consoante com Foucault (2006, p. 22), esses discursos estão em constante movimentação e sempre prontos para serem retomados:

os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de um certo número de falas que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

Sobre a noção de formação discursiva, pode-se dizer que ela nunca é homogênea, que é sempre constituída por discursos diferentes. Um mesmo tema, ao ser considerado, é objeto de tensões, de conflitos que apontam as diferentes posições ocupadas por sujeitos em oposição.

Segundo Fernandes (2005, p. 51), não é possível apreender por inteiro uma formação discursiva, ela “será apenas parcialmente apreendida, pois caracteriza-se por uma incompletude e tem uma natureza complexa na sua própria dispersão histórica”.

Falar sobre formação discursiva, segundo Foucault (1995, p. 31), é referir-se ao que pode ser dito em um determinado espaço social, em uma determinada época, a partir de determinadas condições de produção definidas historicamente.

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

Assim como os discursos se relacionam e estão sempre em posição de entrelaçamento, de interdependência, os enunciados, segundo Fernandes (2005, p. 55), “são acontecimentos que sofrem continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação, cujas unidades obedecem a regularidades, cujos sentidos são incompletamente alcançados”. Portanto, assim como os discursos, os enunciados estão vinculados a outros enunciados anteriores e posteriores a eles. Sobre essa relação que se estabelece entre os enunciados Foucault (1995, p. 43) chama de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.

Neste sentido, pode-se dizer que uma formação discursiva é caracterizada por um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem e pela possibilidade de mostrar porque determinado objeto do discurso está ali presente, isto é, mostrar como um dizer aparece em uma época e em um lugar específicos. Entretanto, Fernandes (2005) argumenta que uma formação discursiva não se limita a uma época apenas, pois no seu interior encontram-se elementos oriundos de outras épocas, de outros espaços culturais que aparecem sob novas condições de produção, em um contexto histórico novo e, por isso, permitem outros efeitos de sentido.

A volta a elementos anteriores e a re-significação desses elementos é possibilitada pela coexistência dos discursos que podem, em determinado momento, se materializar por meio de enunciados semelhantes, mas que guardam sua individualidade visto que as inscrições ideológicas são diferentes e peculiares a cada formação social. Buscar esses elementos anteriores, esses discursos precursores é revisitar a História e a memória discursiva dos sujeitos. A memória discursiva seria o que está armazenado e esquecido e possibilita todo dizer, o pré-construído, o já-dito, tudo que está na base sustentando cada apropriação da palavra. É aquilo que atinge os sujeitos sem que eles percebam, está além de seus desejos:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. [...] O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. (ORLANDI, 2001, p. 32)

### 3 Uma proposta de análise contrastiva

Mas todo discurso existente não se contrapõe da mesma maneira ao seu objeto: entre o discurso e o objeto, entre ele e a personalidade do falante interpõe-se um meio flexível, frequentemente difícil de ser penetrado, de discursos de outrem, de discursos “alheios” sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema. E é particularmente no processo da mútua interação existente com este meio específico que o discurso pode individualizar-se e elaborar-se estilisticamente. (BAKHTIN, 1988, p. 86)

Considerando-se essas afirmações de Bakhtin sobre o trajeto que percorre o discurso até o objeto que ele descreve, um trajeto polifônico, habitado por outras vozes, por outros discursos, é que se passará à análise dos textos poéticos com o objetivo de explicitar que o discurso se relaciona com outros discursos e é determinado pelo tecido histórico-social e que o sentido das palavras não é imanente, mas se constrói a partir de um espaço discursivo marcado por instabilidades promovendo movências de sentido.

Para a análise contrastiva proposta se fará primeiramente a leitura do poema-canção *Você é linda*, de Caetano Veloso, transcrito a seguir.

#### **Você é linda**

Fonte de mel  
nuns olhos de gueixa

kabuki, máscara.  
Choque entre o azul  
e o cacho de acácias  
luz das acácias  
você é mãe do sol.  
A sua coisa é toda tão certa  
beleza esperta.  
Você me deixa a rua deserta  
quando atravessa  
e não olha pra trás.

Linda  
e sabe viver.  
Você me faz feliz.  
Esta canção é só pra dizer  
e diz.  
Você é linda  
mais que demais.  
Você é linda, sim  
onda do mar do amor  
que bateu em mim.

Você é forte  
dentes e músculos  
peitos e lábios.  
Você é forte  
letras e músicas  
todas as músicas  
que ainda hei de ouvir.  
No Abaeté  
areias e estrelas  
não são mais belas  
do que você,  
mulher das estrelas  
mina de estrelas  
diga o que você quer.

Você é linda  
e sabe viver.  
Você me faz feliz.  
Esta canção é só pra dizer  
e diz.  
Você é linda  
mais que demais.  
Você é linda, sim  
onda do mar do amor  
que bateu em mim.

Gosto de ver  
você no seu ritmo  
dona do carnaval.  
Gosto de ter  
sentir seu estilo  
ir no seu íntimo  
nunca me faça mal.

Linda  
mais que demais.  
Você é linda, sim  
onda do mar do amor  
que bateu em mim.  
Você é linda  
e sabe viver.

Você me faz feliz.  
Esta canção é só pra dizer  
e diz.

Ao se fazer a leitura desse poema, percebe-se que o sujeito enunciador se vale das expressões duplas para descrever sua amada, produzindo, assim, novos efeitos de sentido. As expressões “*fonte de mel*”, “*olhos de gueixa*”, “*luz das acácias*”, “*mãe do sol*”, “*beleza esperta*”, “*onda do mar do amor*”, “*mulher das estrelas*”, “*mina de estrelas*” e “*dona do carnaval*” foram empregadas no intuito de traçar a descrição poética da mulher amada, da musa inspiradora.

Por meio de um exercício de busca no dicionário das palavras que compõem cada uma dessas expressões encontram-se os seguintes verbetes:

Fonte: s. f. 1. Nascente de água. 2. Fig. Aquilo que origina ou produz, origem, causa.

Mel: s. f. Substância doce elaborada pelas abelhas, do suco das flores, e por elas depositada em alvéolos especiais.

Olhos: s. m. 1. Anat. Órgão par, em forma de globo, situado um em cada órbita. 2. Fig. Aquilo que se distingue, percebe, guia, esclarece: os olhos da alma.

Gueixa: s. f. No Japão, jovem cantora e dançarina.

Luz: s. f. Radiação eletromagnética capaz de provocar sensação visual num observador normal.

Acácias: s. f. Designação de árvores e arbustos do gênero *Cássia*.

Mãe: s. f. Mulher, ou qualquer fêmea, que deu à luz um ou mais filhos.

Sol: s. m. 1. Estrela que é o centro de um sistema planetário. 2. A luz e o calor desse astro.

Beleza: s. f. 1. Qualidade de belo. 2. Pessoa bela. 3. Coisa bela, muito agradável, ou muito gostosa.

Esperta: adj. 1. Acordada, desperta. 2. Inteligente, fina, arguta. 3. Enérgica, ativa, viva. 4. Quase quente.

Onda: s. f. 1.1. Porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva; vaga. 2. Fig. Grande quantidade ou abundância; grande afluência.

Amor: s. f. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa.

Mulher: s. f. 1. O ser humano do sexo feminino capaz de conceber e parir outros seres humanos, e que se distingue do homem por essas características. 2. Mulher dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição)

Estrela: s. f. 1. Astr. Denominação comum aos astros luminosos.

Mina: s. f. 1. Fig. Manancial de riquezas; negócio muito lucrativo. 2. Fig. Coisa de grande valor; preciosidade. 3. Brás. Pop. Garota, menina.

Dona: s. f. 1. Senhora de alguma coisa; proprietária.

Carnaval: s.m 1. No mundo cristão medieval, período de festas profanas que se iniciava, geralmente, no dia de Reis (Epifânia) e se estendia até a Quarta-feira de cinzas.

Considerando-se a busca dessas palavras no dicionário, é possível afirmar que o significado de cada uma delas não dá conta do funcionamento linguístico do poema, ou seja, ele não pode representar a musa inspiradora que o sujeito enunciador descreve. Pode-se afirmar, neste sentido, que o significado das palavras não é imanente, mas que seu sentido se estabelece a partir de um contexto, em um espaço histórico-social, no qual se inscreve o sujeito enunciador. O sentido se produz a partir da inscrição ideológica do sujeito que fala. É preciso observar quem fala e de onde fala. Assim, a expressão “*fonte de mel*” não se refere a uma produção de mel. O poeta emprega essa expressão para se referir à sua amada, ele a vê como uma fonte de ternura, de doçura. Da mesma maneira, “*olhos de gueixa*” não são, necessariamente, olhos de dançarina, mas os olhos da mulher que o seduzem, que o atraem de maneira sensual, cativante e envolvente. “*Luz das acácias*” e “*mãe do sol*” podem ser consideradas como sinônimas ou ainda como expressões que se reforçam, pois percebe-se que elas querem significar uma mulher cheia de luz, uma mulher que irradia brilho e calor, que impõe uma presença, que é notada, observada. Por sua vez, “*beleza esperta*” retrata uma mulher ao mesmo tempo bela e acordada, desperta para a vida, uma mulher que possui uma beleza quente, sedutora. Ao dizer “*onda do mar do amor*” o poeta certamente não se refere à onda, volume de água que se eleva, mas sim a um sentimento abundante que invade seu ser e o toma por completo. As expressões “*mulher das estrelas*” e “*mina de estrelas*” não poderiam se referir a uma mulher que vive ou veio dos astros luminosos nem tampouco a uma mina que produza estrelas. O efeito de sentidos provocado por essas expressões referendam uma mulher que possui brilho próprio, que reflete e irradia um fulgor como o das estrelas. E, por fim, “*dona do carnaval*” remete àquela que está no centro, que se destaca das outras, única, soberana. A amada que o faz feliz. Linda, mais do que linda.

Da mesma forma, as palavras poéticas do capítulo quatro do livro de Cantares exaltam a mulher amada e o poeta também se vale de expressões figuradas para descrever sua musa produzindo novos efeitos de sentido. Com a análise desse texto-poema se buscará evidenciar, entre outras, as expressões duplas, como

as observadas no poema-canção de Caetano Veloso, na intenção de estabelecer um paralelo entre os dois textos.

O poeta Salomão assim retrata a sua amada:

Eis que é formosa, meu amor, eis que é formosa; os teus olhos são como os das pombas entre as tuas tranças; o teu cabelo é como o rebanho de cabras que pastam no monte Gileade. Os teus dentes são como o rebanho das ovelhas tosquiadas, que sobem do lavadouro, e das quais todas produzem gêmeos, e nenhuma há estéril entre elas. Os teus lábios são como um fio de escarlata e o teu falar é agradável; a tua fronte é qual um pedaço de romã entre os teus cabelos. O teu pescoço é como a torre de Davi, edificada para pendurar armas; mil escudos pendem dela, todos broquéis de poderosos. Os teus dois seios são como dois filhos gêmeos da gazela, que se apascentam entre os lírios. Até que refresque o dia, e fujam as sombras, irei ao monte da mirra, e ao outeiro do incenso. Tu és toda formosa, meu amor, e em ti não há mancha. Vem comigo do Líbano; olha desde o cume de Amana, desde o cume de Senir e de Hermon, desde os covis dos leões, desde os montes dos leopardos. Enlevaste-me o coração, minha irmã, minha esposa; enlevaste-me o coração com um dos teus olhares, com um colar do teu pescoço. Que belo são os teus amores, minha irmã, esposa minha! Quanto melhor é o teu amor do que o vinho! E o aroma dos teus unguentos do que o de todas as especiarias! Favos de mel manam dos teus lábios, minha esposa! Mel e leite estão debaixo da tua língua, e o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do Líbano. Jardim fechado és tu, minha irmã, esposa minha, manancial fechado, fonte selada. Os teus renovos são um pomar de romãs, com frutos excelentes, o cipreste com o nardo. O nardo, e o açafraão, o cálcamo, e a canela, com toda sorte de árvores de incenso, a mirra e aloés, com todas as principais especiarias. És a fonte dos jardins, poço das águas vivas, que correm do Líbano! (CANTARES 4:1-15)

Além das palavras já contempladas para a análise do poema-canção, se faz necessária a busca, no dicionário, de outras que compõem as expressões que caracterizam a mulher amada do poeta bíblico:

Pomba: s. f. Designação comum a todas as aves columbiformes, da família dos columbídeos, de vôo possante, bico coberto de cera na base, e granívoras.

Favo: s. m. 1. Alvéolo ou conjunto de alvéolos onde as abelhas depositam o mel. 2. Coisa doce, agradável.

Leite: s. m. Líquido branco, opaco, segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos animais mamíferos.

Jardim: s. m. 1. Terreno, em geral com alamedas, onde se cultivam plantas ornamentais, úteis, ou para estudo.

Fechado: adj. 1. Que não está aberto, cerrado. 2. Guardado, encerrado.

Manancial: s. m. 1. Nascente de água; olho-d'água; fonte. 2. Fig. Fonte perene e abundante.

Selada: adj. Que tem selo, que tem fecho.

Como já se observou na análise antecedente, verifica-se, aqui também, que o significado das palavras encontrado no dicionário não traduz a intenção do poeta e que o sentido se produz dentro de um contexto sócio-histórico. Ao se referir a sua amada dizendo que ela possui "*olhos de pomba*" ele certamente se refere aos olhos puros, inocentes de sua amada e talvez à natureza tímida das pombas. Continuando sua descrição ele diz que "*favos de mel*" manam dos seus lábios e "*leite e mel*" estão debaixo da sua língua; ou seja, sua amada é doce, seu beijo destila doçura, tem o gosto do leite e do mel, alimentos essenciais à vida. Um pouco mais adiante, o autor do poema bíblico emprega três expressões para significar a fertilidade e a singularidade de sua musa. Dizendo "*jardim fechado*", "*manancial fechado*" e "*fonte selada*" ele apresenta sua amada como uma mulher que é fértil como um jardim, que produz ou imana boas coisas como um manancial ou uma fonte e, além de ser assim tão fértil tão fecunda ela ainda é fechada, separada, resguardada para seu amado. As três metáforas sugerem acesso restrito, e a figura de linguagem significa que a noiva era virgem. Pode-se dizer que essa declaração do poeta revela uma formação discursiva constitutiva do sujeito enunciador e reveladora da realidade social onde ele se inscreve, pois na época em que o poema foi escrito, as famílias, como sinal de sua moralidade, guardavam a castidade das mulheres solteiras com rigor.

### Considerações finais

Firmada nos princípios da Análise do Discurso de linha francesa que considera o homem na sua história, isto é, que o insere nos processos e condições de produção da linguagem por meio da relação entre a língua e os sujeitos que a falam e ainda as situações em o que o dizer é produzido; a análise que se propôs aqui desenvolver buscou mostrar que o discurso é efeito de sentidos entre os locutores, determinado pelo tecido histórico-social que o constitui, e, portanto, que o sentido das palavras não é imanente, mas se constrói

a partir de um contexto. Assim sendo, buscou-se negar a imanência do significado, mostrando que o dicionário, com suas definições, não dá conta do funcionamento linguístico, ou seja, não abarca, de maneira efetiva e completa, o campo semântico das palavras.

Dessa maneira, verificou-se que o efeito de sentidos produzido pelas palavras elencadas está diretamente ligado ao contexto sócio-histórico cultural no qual se inscreve o falante; nesse caso, o poeta. No trabalho de leitura do poema-canção de Caetano Veloso, é preciso considerar que ele foi escrito em um determinado momento histórico brasileiro e, portanto, trabalha com a memória do povo, trazendo à tona elementos constitutivos da nossa nação. Assim o emprego da expressão “*dona do carnaval*” para designar a mulher amada se sustenta, pois o carnaval é uma festa muito cultivada no país, sobretudo na Bahia, durante a qual se podem ver mulheres muito bonitas. Portanto, ser “*dona do carnaval*” significa ser mais do que linda, significa ser perfeita, singular, estar acima de todas as outras porque segundo Possenti (2001, p. 50), “o (efeito de) sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras que estão em relação metafórica (ou: o sentido de uma palavra é um conjunto de outras palavras que mantêm com ela uma certa relação)”.

Por outro lado, o poeta bíblico descreve sua amada com outras expressões que também revelam a realidade social e histórica na qual está inscrito o sujeito enunciador. Dizer que sua amada é “*como a torre de Davi, edificada para pendurar armas; mil escudos pendem dela, todos broquéis de poderosos*” significa que seu pescoço é bonito, é imponente, é importante, pois a torre do rei Davi representava muito, representava o poder das conquistas desse rei; pode-se dizer também que o porte ereto da noiva e seu pescoço bem torneado e adornado com jóias evocam uma visão militar, provavelmente transmitindo a idéia de força. Percebe-se, portanto, nos dois poemas, o entrecruzamento de diferentes discursos que se interpõem entre o discurso e seu objeto, a mulher amada. E é esse entrecruzamento de discursos “alheios” que se coloca entre o sujeito enunciador e o objeto que possibilita os diferentes efeitos de sentido. Segundo Fernandes (2005, p. 51), “um mesmo tema, ao ser colocado em evidência, é objeto de conflitos, de tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, se contestam”.

Todavia, enquanto amantes, enquanto admiradores de suas mulheres, pode-se observar que os dois poetas se referem as suas musas inspiradoras com expressões como “*fonte de mel*” e “*favo de mel*”, o que reforça a idéia de que o sentido se produz em um espaço social diretamente ligado à inscrição ideológica do sujeito, pois sua voz revela esse espaço social no qual ele se inscreve. Estão, ambos os poetas, inseridos em um ambiente, um contexto amoroso que, apesar das diferenças sociais e históricas, lhes permite ver a mulher, enquanto objeto de seu amor, como uma fonte inesgotável de prazer, alegria, regozijo, doçura, que lhes pode saciar a alma e os desejos. Nesse aspecto, seria possível fazer alusão ao liame intertextual que une os dois textos, tentando mostrar uma relação parafrástica que se pode observar entre eles. Entretanto, devido à brevidade deste estudo e à profundidade do tema, preferiu-se não correr o risco de investigar tal hipótese que merece uma análise posterior e cuidadosa.

Após esse movimento de leitura, é importante reiterar que os discursos materializados em um texto dialogam entre si e com outros discursos inseridos na história. Dessa maneira, “o trabalho com a língua, tendo em vista seus aspectos formais, também revela, ao mesmo tempo que decorre de, aspectos próprios à formação discursiva a que o sujeito enunciador se inscreve.” (FERNANDES, 2004, p.119). Assim sendo, observa-se que o sentido é histórico, que ele não é imanente, mas se produz a partir de um contexto sócio-histórico cultural e, nessa produção de sentidos se pode ouvir várias vozes sociais materializadas no texto; como, por exemplo, a voz do poder das guerras no poema bíblico de Salomão ao dizer que sua amada é “*como a torre de Davi, edificada para pendurar armas; mil escudos pendem dela, todos broquéis de poderosos*” e a voz da opinião do povo no poema-canção de Caetano Veloso ao citar a festa popular brasileira. Concluindo esse exercício de análise, vale lembrar Baccega (2000, p. 78) quando diz que

a literatura contém um horizonte ideológico onde estão presentes formações ideológicas/formações discursivas não artísticas: por exemplo, fatos históricos, articulados no discurso da história. Mas, ao utilizar-se deles, ela os configura artisticamente, dando a eles novas formas, produzindo novos signos, novos conteúdos, os quais, por sua vez, vão se tornar parte da realidade social que rodeia o homem.

## Referências bibliográficas

A BÍBLIA DA MULHER: leitura, devocional, estudo. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: *DRLAV-Revue de Linguistique*, 26. Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 1982. p. 91-151.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 2000.

BAKHTIN, Mikail. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988. p. 85-106.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. São Paulo: Editora Vida, 1999.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. *A intertextualidade em Clarice Lispector: uma visão contemporânea da narrativa bíblica*. 118 f. Dissertação (mestrado). Uberlândia: Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. Ainda sobre a noção de efeito de sentido. In: GREGOLIN, Maria do R. V.; BARONAS, Roberto. (Org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Paulo: Claraluz, 2001. p. 45-59.

VELOSO, Caetano. Você é linda. In: *Circuladô vivo*. 1992.